



HANS ULRICH GUMBRECHT

**“Logo haverá mais romancistas  
em atividade que leitores de romance”**

Hans Ulrich Gumbrecht – o Sepp – frequenta assiduamente o Brasil há quase quatro décadas. Fluente em português, tem dado cursos, feito conferências e participado de congressos na PUC-Rio, UERJ, UFMG, UFOP, UFRGS, Universidade de Fortaleza, USP e várias outras instituições de ensino superior.

Seus escritos estão quase todos publicados em nosso território, onde se somam à sua intensa participação nos debates em curso no âmbito dos estudos literários para fazer circular amplamente suas ideias. Mostra da repercussão de seu pensamento em nosso meio foi o seminário internacional *As belas formas da melancolia – historiografia, materialidade e presença na obra de Hans Ulrich Gumbrecht*, realizado em 2010 na Fundação Casa de Rui Barbosa. Durante o evento, catorze conferencistas de diferentes nacionalidades passaram em revista sua obra.

Nela, percebe-se nitidamente a deferência de Sepp pelos colegas e estudantes de pós-graduação brasileiros – muitos dos quais, a seu convite, fizeram doutorado, recém-doutorado ou pós-doutorado na Universidade de Stanford. Em *Produção de presença* (2004), por exemplo, alguns chegam a ser citados como companheiros de jornada intelectual. Já em livros como o monumental *Em 1926: vivendo no limite do tempo* (1997), aparecem flashes de um Brasil autêntico e diferenciado, como só um brasilianista que ama as gentes e as letras dos trópicos conseguiria enxergar.

Essa relação próxima, duradoura e fiel se soma ao fato de Sepp ter nascido na Alemanha e se radicado nos Estados Unidos para lhe facultar uma visão privilegiada de nossa literatura. Uma das grandes provas desse apreço se encontra em seu último livro (*Depois de 1945 – latência como origem do presente*, 2012), no qual coloca Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto em pé de igualdade com os mais importantes autores ocidentais do século XX. O mesmo se pode dizer do lisonjeiro ensaio sobre Machado de Assis que publicou na Alemanha em 2013.

Acadêmico extremamente bem resolvido, apaixonado pelas pesquisas que empreende e muito dedicado aos alunos, Sepp abraça de tal forma a vida universitária que mora com a família numa casa situada no *campus*, ambiente que não parece lhe impor qualquer trava, ao contrário, estimula-o a pensar e agir com grande liberdade. Foi com esse espírito que em fevereiro de 2014 respondeu às perguntas formuladas por **Dau Bastos**, então fazendo pós-doutorado sob sua supervisão.

Sepp começa a conversa com o elogio do sistema universitário brasileiro, para lastimar a resistência do meio acadêmico da Europa e dos Estados Unidos a prestar a merecida atenção à nossa produção teórica, ficcional e poética. Em seguida, refaz o histórico de emergência da Estética da Recepção, da qual aponta, inclusive, dados sobre a convivência, nem sempre fácil, entre os criadores. Por fim, com sua capacidade de conciliar uma atenção propriamente erudita ao passado e uma curiosidade de criança pelo que está apenas surgindo, prenuncia um tempo em que a propalada morte do autor finalmente revelará sua face mais profícua: uma popularização tal da escrita que haverá mais escritores que leitores de romance.

*Em 1977, você passou sua primeira temporada no Rio de Janeiro como professor visitante e, desde então, tem ido com bastante regularidade ao Brasil, cuja realidade conhece bem. Às suas visitas a instituições de diferentes estados correspondem citações frequentes de nosso país em seus livros. Durante este ano que venho passando aqui, na Universidade de Stanford, constato que você também fala dos trópicos com frequência em aulas, palestras e debates. Ao longo destas quase quatro décadas de brasilianismo, que mudanças você destacaria no meio universitário em nosso país?*

Minha primeira visita acadêmica, em 1977, teve como objetivo dar um curso na PUC do Rio. Acho que os organizadores queriam o Hans Robert Jauss, mas, como ele não aceitaria pelo fato de o Brasil estar em regime de ditadura militar, me convidaram. Ao chegar lá, me deparei com uma grande faixa, dependurada na fachada da universidade, em que se lia: “Aula do professor Hans Ulrich Gumbrecht” e, ao lado, em letra muito maior, “Ex-aluno do professor Jauss”. Encontrei um grupo muito forte de quase vinte pessoas, entre as quais Luiz Costa Lima, claro, mas também Silviano Santiago e outras que, então em fase de estudo, depois se tornaram muito conhecidas, como Flora Süssekind, Italo Moriconi e Roberto Ventura. Nos reuníamos durante quatro horas diárias, seis dias por semana – pois nos encontrávamos também no sábado –, o que rendeu um seminário bastante concentrado. Minha missão era tratar da tradição fenomenológica alemã – Edmund Husserl etc. –, o que, graças à competência e à qualidade dos participantes do seminário, foi muito bem-sucedida. Agora, a impressão que me ficou dessas cinco semanas passadas no Rio é de que o Brasil vivia um grande isolamento e

precisava importar da Europa conteúdos que ainda não conhecia. Lembro, além disso, de pessoas de outras instituições dizerem que somente universidades como a PUC – privada, católica – podiam convidar professores estrangeiros.

Diferente dessa situação de 37 anos atrás, hoje encontro alunos e professores bem preparados em qualquer lugar aonde vou no Brasil, seja Ouro Preto, Porto Alegre, Rio ou São Paulo. Em 2012, por exemplo, fui a um congresso de comunicação na Universidade de Fortaleza, onde não conhecia ninguém e, mais uma vez, vi pessoas bem preparadas.

Eu compararia o sistema universitário brasileiro – cujas universidades boas são sobretudo públicas e as particulares com a qualidade da PUC são exceção – com o da Alemanha: universidades de ponta como a USP, a UFRJ e a PUC-Rio não devem nada às melhores alemãs. E olhe que a Alemanha tem uma grande tradição acadêmica. No Brasil, você não tem nenhuma universidade posicionada entre as melhores do mundo, nem instituições como Harvard ou Stanford, mas, ao mesmo tempo, diferentemente dos Estados Unidos, não encontra universidades públicas completamente incompetentes ou, pelo menos, nunca vi nenhuma. Em vez da realidade com que me deparei na década de setenta, hoje o Brasil tem um sistema universitário sólido, bem estabelecido, que funciona, com pessoas fortes em todos os estados. Portanto, se nunca fui ao Brasil de profeta, há muito tempo não me sinto levando uma informação ou um saber que ainda não exista lá.

Minhas idas ao Brasil são tão importantes intelectualmente para mim quanto minhas visitas aos países europeus com sistemas universitários bem conceituados, como a Alemanha, a Suíça e a Inglaterra. Comparado com as universidades de cidades francesas como

Bordeaux ou Marselha, por exemplo, o Brasil é muito melhor. Além de ser incomparavelmente melhor que Espanha e Portugal. Mesmo a Itália: tem Agamben, mas, do ponto de vista institucional, a universidade italiana costuma ser muito fraca.

Claro, em todas as latitudes há professores universitários que não sabem nada, e o Brasil não é exceção. Mas em todas as instituições de ensino superior que frequentei no Brasil encontrei pessoas lidas, informadas, de ponta – o que, para mim, indica uma grande mudança. Daí não ter sentido a ideia, desposada por colegas do dito Primeiro Mundo e também por muitos colegas brasileiros, de que o sistema universitário brasileiro ainda é terceiro-mundista: há muito deixou de sê-lo.

*Em que medida a mudança que você verifica em nosso meio acadêmico foi notada no exterior?*

Olha, só posso falar da visão dos Estados Unidos a partir de 1989, quando passei a morar aqui: minha impressão é de que não mudou quase nada nesse olhar. O mesmo posso dizer da Alemanha e, na verdade, da Europa em geral. Por exemplo: o Instituto Goethe e o DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) vivem mandando germanistas, muitas vezes muito medíocres, para fazer missão no Brasil, no entanto eu não conseguiria convencer um intelectual interessante como Martin Seel – que trabalha sobre a autonomia estética – a ir ao Brasil discutir Schiller ou Kant, por exemplo. Ele até aceitou um convite, mas em um contexto muito específico: como é um grande torcedor do Bayern de Munique, topou ir comigo falar sobre a estética do futebol em várias universidades do Brasil, que

hoje em dia já não é tão importante no futebol, mas, de toda forma, tem aquele passado glorioso. Quanto a mim, sei que, somente no Rio, há não apenas o Luiz, mas várias outras pessoas ao redor dele, especializadas em Kant, Schiller e muitos outros autores europeus. Sem falar nos colegas mais jovens de outras universidades, como a UFRJ, que em 2012 me convidou para dar duas aulas sobre *A origem da obra de arte* em um seminário durante o qual travamos discussões tão difíceis, no bom sentido, que mudei minha leitura desse ensaio central do Heidegger. Esse é o tipo de experiência a que já estou acostumado e que explica por que procuro ir regularmente a diferentes universidades brasileiras. Para mim, as visitas ao Brasil têm sido de uma produtividade intelectual constante e clara.

*Em seu último livro, Depois de 1945, você analisa textos de uma série de autores de diferentes nacionalidades, entre os quais os brasileiros João Cabral de Melo Neto (que se lançou poeta em 1944) e Guimarães Rosa (que estreou na prosa experimental em 1946). Como país que não participou tão ativamente da Segunda Guerra Mundial quanto nações como a Alemanha, a França e os Estados Unidos, o Brasil desempenha um papel importante em sua argumentação de que certos sentimentos do pós-guerra se difundiram amplamente. Pediria que falasse um pouco sobre a presença desses dois autores de que tanto nos orgulhamos em seu livro e também sobre o comentário, tecido em uma resenha publicada na Alemanha, de que Cabral e Guimarães aparecem em seu texto não porque tenham importância literária, e sim porque o ajudam a parecer politicamente correto. A seu ver, o evidente preconceito desse resenhista indicaria que até hoje o Velho Mundo nos acha incapazes de produzir literatura de qualidade?*

De fato, num texto muito positivo, dizendo que o livro era o melhor já escrito sobre cultura europeia nos anos 50, início dos anos 60, um resenhista afirmou que eu, por uma conexão política tipicamente norte-americana, infelizmente havia incluído dois brasileiros que não fazem sentido nesse contexto. Acontece que dediquei uma página inteira a explicar que o livro não é sobre o pós-guerra europeu, e sim sobre os meados do século XX, quando, a meu ver, passou a predominar, em todo o planeta, o que chamo de “latência”. Para comprovar minha hipótese, extrapolo as fronteiras alemãs e recorro a autores da Espanha e também do Brasil (nações que quase não participaram do conflito).

Poucos professores alemães teriam problema em dizer abertamente, não diante de brasileiros, mas em alguma conversa ou aula no *campus*, que a literatura brasileira não está à altura da literatura alemã – que, na verdade, atravessa um momento excepcionalmente fraco. Muitos acham que no Brasil não existem textos literários realmente bons. O preconceito é ainda maior quando se trata do pensamento. Como a literatura é mais facilmente associável ao exotismo, é possível que muitos alemães – e, de resto, muitos estrangeiros do hemisfério norte – que não conheçam nenhum nome da literatura de países considerados exóticos até cogitem de existir algum autor interessante em nações como o Brasil, a Índia ou o Senegal; agora, que exista um filósofo interessante, decididamente não. Nesse sentido, as reações europeia e norte-americana são muito semelhantes.

Agora, para fazer uma nuance, eu diria que nos Estados Unidos é difícil imaginar um resenhista, um colega do meio acadêmico, afirmando isso na imprensa, como aconteceu na Alemanha. Nos

Estados Unidos há muito mais contato cotidiano com outras culturas – sobretudo em uma universidade como Stanford – do que na Alemanha. Curiosamente, na Alemanha de hoje um negro é mais exótico do que costumava ser quando eu tinha dez anos, porque vivíamos sob ocupação americana, então na rua, na escola, em todo lugar havia muitos afro-americanos. Em meu primeiro ano de curso elementar, por exemplo, a turma era de 54 alunos, dos quais exatamente 27 eram mulatos, filhos de alemãs com afro-americanos.

*Alguns meses atrás, você publicou na Alemanha um ensaio que tem como figura central Machado de Assis, cuja importância é tão grande para nós, brasileiros, que jamais nos contentaremos com a minguada recepção que sua obra mereceu até hoje no exterior. O que nos contaria de sua relação com o autor de Memórias póstumas de Brás Cubas?*

Para começar com uma afirmação forte, em meu cânon literário privado ninguém está acima de Machado de Assis. Harold Bloom o colocou entre os cem maiores autores de todos os tempos e fala muito bem dele, mas, como gosta de provocar, até em sua lista dos cem maiores incluiu cinco mais importantes, então Machado de Assis estaria talvez entre os primeiros vinte e cinco. Isso já é muito bom, claro. Mas, para mim, não há autor de que goste mais. Além da complexidade, seu texto é extremamente trabalhado e bem escrito. Sua ficção me proporciona um prazer incomparável. Não saberia dizer quantas vezes li *Memorial de Aires*, meu favorito. Gosto desse romance como um todo e também em seus diferentes parágrafos. Como conheço bem o Rio, adoro ver suas ruas e bairros pelas lentes de Machado, no século XIX e início do XX. Portanto, se



eu tivesse escrito aquele livro de Harold Bloom, Machado estaria entre os cinco maiores, incondicionalmente.

*Como admirador confesso de Guimarães Rosa, o que diria do fato de o escritor brasileiro do século XX que mais admiramos não ter integrado o boom latino-americano? Caso o autor mineiro não houvesse radicalizado no sentido da experimentação, teria conseguido uma recepção melhor?*

Minha relação com Guimarães é semelhante à que tenho com Joyce e com o autor francês do século XX que mais aprecio: Céline. Os três chegam ao máximo de jogo com a dificuldade de leitura. Fiquei exausto depois de ler trinta páginas de *Ulisses* e o mesmo me acontece ao ler Céline ou Guimarães. Acontece que quando Guimarães apareceu na literatura mundial, a complexificação formal já tinha se desenvolvido a ponto de o romance ficar ilegível, como “*nouveau nouveau roman*”. A literatura brasileira não se atrasou, mas o momento de chegada de Guimarães no exterior já não era muito propício à recepção de seu texto. O fato de o boom latino-americano acontecer em uma literatura não tão complicada no tocante à forma foi quase um alívio.

À época, eu estava dando meus primeiros passos como professor de literatura e voltado para coisas mais leves que aqueles escritos superintelectuais e hiperexperimentais, então, quando saiu a edição alemã de *Cem anos de solidão*, em 1971, vivi uma situação muito curiosa: dei um exemplar de presente ao Jauss – com quem então tinha uma relação boa –, ele leu e me agradeceu bastante, dizendo que finalmente aparecia um romance legível e que o tinha achado muito bom. Entretanto, no dia seguinte falou que havia repensado,

relevo várias passagens e chegado à conclusão de que, na verdade, tratava-se de uma literatura trivial. Ou seja: era um alívio encontrar um romance não tão complicado, não tão *nouveau roman*, mas, como o texto não se apresentava em uma forma muito complexa, não podia ser bom. Mas a verdade é que as pessoas já não tinham vontade de ler textos tão complexos, porque os associavam ao ponto final colocado na França pelo *nouveau nouveau roman*. Naquele momento, ler Guimarães levava a dizer: “Isto de novo? Mas é tão complexo quanto Joyce!”

Os experimentos de Guimarães visam produzir uma determinada relação com a realidade. Meu fascínio e minha admiração pelo que ele escreveu tem muito a ver com o que chamo de “presentificação”. Nunca estive no sertão, mas, graças a Guimarães, tenho a impressão de conhecer bem a região. Provavelmente me surpreenderia com o que encontraria, mas, por ler Guimarães, creio saber o que está lá. Imagino o Guimarães como um cara que quis presentificar o sertão e, para tanto, pensou muito a experimentação, desenvolveu processos e inventou técnicas. O mesmo se pode dizer de Machado: toda aquela ironia é muito complexa, muito difícil de descrever, talvez até desenvolvida como reflexão filosófica, mas, no fim das contas, está em *Memorial de Aires* para me dar o bairro do Cosme Velho das últimas décadas do século XIX de uma forma diferente, como se eu estivesse lá, falando com alguns de seus habitantes.

*Sua inquietude intelectual o leva a focar tópicos geralmente negligenciados por serem vistos como menores ou evitados devido ao desconforto decorrente de sua abordagem. É o que encontramos em livros como Em 1926: vivendo no limite do tempo (1997) e Elogio da beleza atlé-*

tica (2005), o primeiro dedicado a um ano aparentemente desprovido de simbolismo e o segundo devotado a um conteúdo considerado pouco acadêmico. À heterodoxia temática você associa uma verdadeira entrega ao jogo com a forma, como se constata, por exemplo, no fato de Em 1926 se constituir de fragmentos passíveis de serem lidos em qualquer ordem e Depois de 1945 mesclar teorização e autobiografia. Como você é visto no que concerne à sua escrita?

Devo ser um dos poucos “críticos profissionais”, como se fala na Alemanha, que nunca teve vontade nem ambição de produzir literatura. Escrevi vários poemas quando estava no ensino médio, mas minha profissionalização está desconectada da escrita de ficção e poesia. Então acho meio louco que hoje em dia as pessoas me percebiam, sobretudo na Alemanha, como um autor quase literário. Por exemplo: *Depois de 1945* apareceu na tradução alemã como literatura e não como livro de pesquisa, e assim foi tratado nas resenhas. Mas jamais tive vontade de fazer daquele livro uma autobiografia. Em algumas partes, falo em primeira pessoa por achar que, assim, alcanço um resultado melhor no tratamento do problema quase filosófico que perpassa o livro. Optei pela primeira pessoa porque, como se diz, o livro é testemunha do tempo: é como se tivesse entrevistado uma pessoa que viveu aquilo bastante conscientemente. Aliás, se eu tivesse vinte, trinta anos a menos, provavelmente teria entrevistado algumas pessoas. Da mesma maneira, a distribuição alternada do conteúdo em sete capítulos não se deve a qualquer tentativa de dar uma forma linda ao livro, e sim porque aproximar capítulos filosóficos e intensa presentificação histórica me pareceu a melhor maneira de abordar o assunto.

*Particularmente, achei o uso da primeira pessoa do singular uma solução excelente, cujo rendimento salta aos olhos em várias passagens. É o caso, por exemplo, da descrição do momento em que você experimenta pela primeira vez orgulho de ser alemão, logo seguido de um atentado que estilhaça completamente o sentimento inédito. Como você assume o desconforto de ter nascido na Alemanha pouco depois da Segunda Grande Guerra, a primeira pessoa não tem nada de narcisista e, na verdade, lhe confere autoridade para tratar do assunto, ao mesmo tempo que lhe possibilita trazer para o livro toda uma geração.*

Tento usar a primeira pessoa sobriamente, para registrar, por exemplo, minha lembrança de um ex-ministro do Hitler paciente de meu pai. Ora, se alguém diz que aquele ministro não foi tão horrível assim, tanto faz, porque me limito a falar do impacto de sua imagem em uma criança alemã no final dos anos 50 e ponto. A primeira pessoa me livra de incorrer em erros que absolutamente não posso cometer.

*Em “O futuro dos estudos literários?”, publicado originalmente em 1995, você fala do fascínio experimentado pela maioria dos alunos de literatura nos Estados Unidos em “conhecer melhor, descrever e tornar parte de nossa experiência ativa as culturas e literaturas mantidas em segundo plano sob a tradicional hegemonia de valores e paradigmas eurocêntricos” (p. 170). E atualmente, o que diria da relação dos estudantes e professores americanos com a produção literária dos países periféricos e emergentes?*

Em 95 eu já estava muito integrado aos Estados Unidos, afinal havia escolhido viver aqui, na Califórnia. No entanto, atualmente posso

ver que, mesmo fazendo plenamente parte de Stanford, trouxe coisas da Alemanha que permanecem, como um ligeiro sotaque quando falo em inglês e uma experiência intelectual que não é inteiramente a mesma de meus colegas nativos de língua inglesa. Eu, por exemplo, sou muito melhor dando aulas na pós-graduação do que na graduação, pois, mesmo sabendo muito bem o que é um *undergraduate student*, nunca fui um. Hoje, percebo também que a maioria dos colegas e estudantes infelizmente estão voltados quase exclusivamente para o cânon europeu e norte-americano. Acho que sou um dos poucos a incluir, na lista de autores a que me dedico – composta basicamente de europeus –, vários brasileiros e sul-americanos e até um ou dois africanos. E faço isso por real interesse, não para me sentir politicamente correto.

*Sua relação com o tempo se pauta por um trânsito desenvolvido pelas três partes em que costumamos dividi-lo, conforme atestam seus recuos à Antiguidade clássica, sua atenção à Idade Média, seus mergulhos em oceanos ficcionais modernos como o de Balzac e sua abertura à discussão acerca das materialidades da comunicação, que renderam o tema de colóquios organizados em 1988 na Iugoslávia e em 1995 no Brasil, definidas, conforme lemos em Produção de presença, como “todos os fenômenos e condições que contribuem para a produção de sentido, sem serem, eles mesmos, sentido” (2010, 28). Na página seguinte desse mesmo livro, você afirma que uma das pesquisas a marcarem o ambiente intelectual em que o tema das materialidades da comunicação havia surgido era aquela, desenvolvida com êxito por Friedrich Kittler, concernente à “questão do modo como as inovações tecnológicas e sua aplicação na invenção de novos meios de comunicação haviam iniciado*

*os movimentos intelectuais” (p. 29). Pois bem: em todo o mundo, os ficcionistas contemporâneos convivem de diferentes maneiras com os produtos da imaginação veiculados pela televisão e o cinema. Alguns os imitam de tal maneira que publicam scripts à guisa de romances. Outros tentam desesperadamente a diferença, mediante a busca do que outrora se chamava de literariedade. E há ainda aqueles que encaram as narrativas televisivas e cinematográficas como mais uma matéria-prima a ser canibalizada. Como você vê esse fenômeno nos países a que vai com mais regularidade?*

É interessante porque a pergunta que fiz no último texto de meu blog para o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, na Alemanha, foi justamente: “O que é a literatura hoje?” Acho que a gente pode se perguntar se o romance, até a literatura, chegou ao fim ou se a gente se encontra numa construção social de temporalidade em que a transformação contínua, linear, já não acontece. Acho que a gente vive muito mais numa dimensão de simultaneidade. Muitas coisas emergem, não necessariamente desaparecem, mas não ocupam um lugar cronologicamente linear – como ocorria no romance realista, por exemplo. Em 1947, no momento em que Sartre publicou *Que é a literatura?*, havia o livro e, basicamente, o teatro e o cinema. Já no atual contexto midiático, de intensa dispersão de comunicação, você tem uma infinidade de opções, passa mais tempo do que nunca lendo e escrevendo na tela do computador, ao mesmo tempo que está constantemente exposto às imagens. Mesmo nas profissões antigamente chamadas de proletárias, como aquelas da linha de montagem automotiva, por exemplo, é preciso saber ler e escrever, para tomar notas. Se você vai a um bar ou restaurante, frequentemente

encontra televisores com esporte, música e assim por diante. Na internet, recebe e posta imagens, lê e escreve. Em última análise, comunica, comunica, comunica.

Nesse contexto de “comunicação total”, aquilo que tradicionalmente se chama de “literatura” ocupa um lugar bem diferente. No contato com o meio quase arqueológico do livro, você experimenta o prazer da leitura, ao mesmo tempo que faz um esforço de que nem sempre se dá conta. Ao se debruçar sobre os textos de Balzac, por exemplo, vai evocando todo aquele universo ficcional criado pelo autor francês e, mais as páginas passam, mais se concentra, mais sua atenção se aproxima da exclusividade. Ao ler um romance, você está sozinho com um texto que, hoje, configura uma grande exceção, ocupa um lugar diferente, o que o torna mais precioso, no sentido de valioso, raro e particular. A literatura conforme vista por Wolfgang Iser, Luiz Costa Lima – enquanto fruto da imaginação do autor que se articula de maneira incompleta num texto que, por sua vez, estimula a imaginação do leitor à atividade de suplementação de sentido – a torna, devido à sua própria forma, de mais difícil recepção e capaz de suscitar imagens de uma concretude inaudita na mente do receptor. Por exemplo: tenho a impressão de conhecer muito bem o rosto, o tom de voz e outras características do Aires, de Machado. Mesmo que eu não consiga descrever o personagem, o tenho como algo muito concreto e vivo. Essa concretude e essa vivacidade têm um valor completamente diferente no contexto atual de dispersão comunicativa.

*Seu nome aparece ao lado dos de Hans Robert Jauss, Karlheinz Stierle e Wolfgang Iser quando se fala da Estética da Recepção. Ao travar contato*

*com os textos de vocês, fiquei fascinado de defenderem democracia no polo da leitura e exigência no tocante à produção. Se não se importa, pediria que fizesse um rápido histórico do surgimento e propagação dessa iniciativa eminentemente alemã.*

Jauss nasceu em 1921, portanto fez parte da geração que participou da Segunda Guerra Mundial. Muito inteligente, integrou um pequeno grupo que continuava vendo a filosofia como centro das ciências humanas, o que significa que o professor de literatura precisaria ter uma competência filosófica. Como aluno de Hans-Georg Gadamer, absorveu a hermenêutica, para a qual existe uma pluralidade de interpretações, que podem ser melhores ou piores, mas, sobretudo se você leva em conta o contexto histórico, nenhuma pode ser tomada como a correta. A geração de Jauss institucionalizou filosoficamente a pluralidade de interpretações.

No início dos anos sessenta – portanto, pouco mais de quinze anos depois do fim da guerra –, a Alemanha vivia um milagre econômico e se mostrava mais rica que a Inglaterra e a França, além de incomparavelmente mais rica que a União Soviética. Com um governo não de direita, mas conservador, tendo à frente um partido democrata-cristão, o país se acreditava em busca de uma nova identidade. Então apareceu, por exemplo, nos Jogos Olímpicos de 1972 como uma nova Alemanha, com arquitetura de vanguarda, muito democrática, aberta não só aos judeus, mas a todo o mundo. Esse sentimento tomou conta de todos e, mesmo que não possa ser visto como única explicação para a emergência da Estética da Recepção, certamente facilitou sua difusão e afirmação como corrente que fomentava a democratização das leituras.



Seu lançamento se deu durante a aula inaugural de Jauss na Universidade de Constança, que era nova, fundada para ser uma instituição de ponta e que se via como uma pequena Harvard do Lago de Constança. Realmente, como os Jogos Olímpicos de 72, tinha a ver com o projeto de uma Alemanha nova, menos autoritária, mais democrática, que sabia levar em conta suas grandes tradições, como a hermenêutica. Aquilo era bem diferente de meus três primeiros anos como universitário, passados na Universidade de Munique, e foi muito importante para mim.

Eu achava ingenuamente que, com a abertura democrática, aquela geração havia aberto mão da autoridade sobre a interpretação. Ainda mais que o Jauss pretendia, por razões biográficas que só viriam a ficar claras mais tarde, que a Estética da Recepção tinha a ver com o Maio de 68 dos estudantes. Acreditando na vocação democrática da Estética da Recepção, certa vez apresentei textos literários para um amplo espectro de leitores – alunos de ensino médio, universitários, donas de casa, operários –, recolhi suas diferentes reações e as organizei na forma de apresentação na universidade. Quando comecei a expor orgulhosamente os resultados de minha pequena investigação, o Jauss reagiu enfurecido e perguntou de onde eu havia tirado a ideia de toda interpretação ser válida. Respondi que não acreditava que todas eram necessariamente boas, mas que achava que a Estética da Recepção supunha a atenção ao maior número possível delas. Na verdade, aquela geração fundadora, e com mérito, da Estética da Recepção rapidamente se mostrou afinada à tendência hegeliana de reconhecer a pluralidade e, ao mesmo tempo, acreditar que em cada momento existe uma interpretação necessária.

A despeito disso, hoje em dia a dimensão da recepção está integrada tanto aos estudos literários acadêmicos quanto à crítica literária dos jornais. A possibilidade de pluralidade de leituras foi de tal maneira incorporada à reflexão sobre a literatura que a Estética da Recepção perdeu completamente sua identidade própria. Acho essa diluição muito positiva, um verdadeiro triunfo, pois significa que, ao longo das décadas que nos separam do momento em que Jauss e Iser lançaram a Estética da Recepção, muitas pessoas – frequentemente sem sequer saber da Escola de Constança – levaram adiante a proposta e acabaram realizando a verdadeira promessa do movimento.

*Quer dizer que a própria geração que esteve à frente da Estética da Recepção tratou de fechá-la, para não ferir a autoridade...*

Provavelmente. De outra feita, eu, então já professor, apresentei um trabalho que depois renderia um artigo bastante traduzido – “As consequências da Estética da Recepção: um início postergado” –, num colóquio realizado em Bochum, no qual afirmava, entre outras coisas, que “a compreensão do crítico não é categoricamente diferente da compreensão do leitor normal”. Jauss odiou minha apresentação e disse que, se eu publicasse o texto, seria expulso da escola. Respondi que não queria ser da Escola de Constança, nem de nenhuma outra. Então minha hipótese é de que, em realidade, o essencial da Estética da Recepção se difundiu graças à grande transformação por que passou o próprio mundo, inclusive o campo acadêmico.

*Ouvindo e lendo suas palavras sobre Jauss, tem-se a impressão de que ele capitaneou a Estética da Recepção apesar de si mesmo.*

Por acaso, o Jauss foi aluno de Hans-Georg Gadamer, que só escreveu um livro, mas era um professor de filosofia inacreditavelmente carismático, de uma elegância intelectual e ética muito grande. Isso posso dizer, pois conheci Gadamer bem, pessoalmente. Quase todos os grandes nomes daquela geração alemã, como Reinhart Koselleck e Wolfgang Iser, estudaram com Gadamer. As aulas de Gadamer tiveram um grande impacto também sobre Jauss, que, além disso, soube aproveitar a oportunidade de uma forma que lhe foi muito útil. Basta pensar em seu passado nazista, que fazia tudo para encobrir. Tanto assim que, ao sair da prisão – onde havia permanecido três anos –, namorou e casou com uma moça judia, que não sabia de nada. Só que, antes de sua morte, descobriram a lista dos vinte e cinco oficiais da SS que, por serem os mais fiéis, estavam no bunker em que Adolf Hitler e Eva Braun se suicidaram. Jauss foi importante para mim, mas sinto essa genealogia como uma doença dermatológica.

*O Iser se juntou ao Jauss nesse esforço de fechamento da escola?*

Não, pois o Iser não se interessava muito por política e, como era filho de uma família endinheirada – o pai tinha uma fábrica de conservas de pescado –, mantinha aquela distância de homem rico, reservado, completamente independente, que se dedica a uma pesquisa mas não precisa de poder. Tinha se especializado em literatura inglesa e mantinha uma relação tão distante com a Alemanha que falava do país como se não fosse o seu. Achava a história alemã

desastrosa, mas não se sentia culpado por ela. Nunca viveu essa coisa difícil, essa luta que arrasto comigo ao longo da vida. Além disso, já se ocupava do ato da leitura, por meio de uma análise fantástica, de cunho filosófico, do hiato de todo ponto do imaginário. Você conheceu o Iser quando ele esteve no Rio, em 1995, não?

*Sim, na época daquele colóquio realizado na UERJ eu era mestrando e, desde então, nunca mais parei de lê-lo. Aliás, como sabe, recentemente tive o prazer de prefaciar a segunda edição de O fictício e o imaginário, que contou com uma quarta capa emocionada do Luiz.*

O Iser tinha um apreço imenso pelo trabalho do Luiz. Considerava o Luiz um dos maiores teóricos da literatura em atividade. Achava que as duas pessoas do mundo que sabiam falar bem sobre ficção eram ele e o Costa Lima. Na verdade, foi por isso que aceitou ir ao Brasil. Achava o Rio muito calorento, dizia que os táxis eram perigosos, não gostava tanto do Brasil. Mas adorava discutir com o Luiz.

*Como se explica que, diferentemente de outras correntes – que usaram o sufixo -ismo no nome e sempre se arvoraram em movimento –, vocês nunca tenham sequer se apresentado como grupo organizado? Teria a proposta algo da refração dadaísta à ideia de arregimentação ou seus principais nomes nutririam tantas diferenças acadêmicas e políticas que nunca viram sentido em se ver como conjunto?*

Em alemão, o nome é *Rezeptionsästhetik*, que, como conceito composto, tem muito da sonoridade de “ismo”, mas, de fato, não inclui

o sufixo de estruturalismo, marxismo e assim por diante. Agora, no início, os inventores, sobretudo Jauss, graças ao grupo de pesquisa Poética e Hermenêutica, cultivaram fortemente a ideia de movimento. E, até o momento de sua morte, Jauss queria manter a unidade do movimento. Atualmente, quem permanece um grande defensor da obra de Jauss é o Stierle, que vê sua própria produção como continuação dos trabalhos de nosso ex-professor. Para Stierle, é muito importante ter participado da escola e argumentar que o que está fazendo tem uma relação de continuidade com ela. Gosto do Stierle, vejo importância em muitos de seus ensaios e lastimo que infelizmente vários deles ainda não tenham sido traduzidos. Agora, para mim, é claro: o mais importante da Estética da Recepção se naturalizou e, hoje, já não faz o menor sentido se falar de escola, movimento ou algo semelhante.

*Na Faculdade de Letras da UFRJ, mantenho uma oficina de escrita criativa a cujos participantes digo e repito que a ficção não é exclusividade de iluminados e, na verdade, conforme lemos em textos seus e de Wolfgang Iser, não para de ser produzida pelo conjunto dos seres humanos. Eles entendem isso com toda a facilidade, entregam-se à escrita e, ao final do semestre, apresentam contos perfeitamente legíveis. Os mais entusiasmados levam adiante a proposta e acabam publicando livros. Forçando um nexos entre essa experiência localizada e o crescimento impressionante do número de autores em todo o mundo, será que nos aproximamos de um tempo em que a consciência de que todos podemos produzir ficção se soma à ampla difusão das técnicas narrativas para realizar o sonho que se deixa entrever nas reflexões desenvolvidas no âmbito da Estética da Recepção?*

Aqui em Stanford, a tendência não é ampliar as ciências humanas, e sim que os alunos escrevam, pintem, toquem um instrumento... Claro, há pessoas que leem poemas ou romances, acham os textos maravilhosos, sentem o impulso da literatura, pensam que podem fazer algo assim e se dedicam profundamente à escrita. Mas nada impede que alguém que nunca tenha lido um romance escreva um. Hoje, ao menos em potencial, o capitalismo pode oferecer uma boa vida a todo mundo, então não para de criar necessidades artificiais. Acho, portanto, que a tendência a pintar, cantar, produzir literatura, enfim, praticar alguma arte, faz parte de uma transformação social generalizada e profunda. A previsão é de que, em algum momento do futuro, bastará que 35% dos humanos trabalhem 8 horas por dia, 5 dias por semana, para conseguirem alimentar a humanidade inteira. Isso quer dizer que a maioria vai ficar sem trabalho, com uma vida mais ou menos boa. Então o problema político será estimular as pessoas a se ocuparem com atividades que tomem bastante tempo, como, por exemplo, escrever um romance (e pouco importa que ninguém o leia). Logo haverá mais romancistas em atividade que leitores de romance. O diletantismo se popularizará. Para fazer, basta gostar. Se você tem instrução, ótimo. Com alguma competência, melhor ainda.